

## CIDADES

## URBANISMO

Nos becos do Cruzeiro, quase não há mais espaço entre os muros das casas. Calçadas foram tomadas por grades, cercas e plantas com espinhos

# Passagens invadidas

CAROLINA CARABALLO  
DA EQUIPE DO CORREIO

Ronaldo de Oliveira/CB

O vendedor ambulante José Luiz Terto, 26 anos, conhece bem o Cruzeiro. Todos os dias às 8h, ele sobe no triciclo e oferece tapioca de casa em casa até 17h30. Quando termina a venda em uma rua, nem sempre consegue usar os becos como atalho para chegar à próxima quadra. Alguns moradores invadiram a área pública a tal ponto que fica difícil passar com o veículo pelo estreito espaço entre os muros de concreto. Se consegue, José torce para não cruzar com um pedestre e ter que se espremer contra a parede para abrir passagem.

As grades usadas nas casas do Cruzeiro são permitidas desde 1996 pela lei distrital 1.063. Mas a própria administração regional admite que muitos moradores extrapolaram o que o texto autoriza. O espaço de 1,2 metros exigido entre a cerca e o meio-fio não é respeitado. Os becos com 2,5 metros de largura são raros. E a proibição de se construir cômodos nas áreas expandidas é ignorada. A Secretaria de Fiscalização (Sefau) concluiu no último dia 19 um levantamento sobre as irregularidades nas avenidas W3 Sul e Norte. E promete fazer o mesmo mapeamento nas outras regiões do Distrito Federal em até um mês.

O administrador do Cruzeiro, Francisco Pires Teixeira, explica que os abusos aconteceram antes mesmo de a lei 1.063 existir. "Quando o texto foi aprovado, as casas do Cruzeiro Velho eram há tempos cercadas por grades e até muros", recorda. Essas construções, de acordo com Francisco, datam de 20 anos atrás, quando o Cruzeiro não tinha uma administração regional própria e era considerado parte do Plano Piloto. "Ninguém prestava muita atenção nessa região, não havia fiscalização", conta. "Quando a lei foi aprovada, os moradores não se preocuparam em adaptar suas casas."



NO BECO É ASSIM: IDALINA CARNEIRO SE ESPREMEU CONTRA AS PLANTAS PARA QUE O CICLISTA JOSÉ LUIZ PASSASSE

Para piorar a situação, o administrador explica que o planejamento do Cruzeiro não comporta grades e muros. "A distância entre prédios, casas e ruas eram muito pequenas. Com as cercas, elas ficaram menores ainda", afirma. Francisco lembra ainda que o Cruzeiro foi construído para abrigar servidores públicos humildes, que não tinham carro. "Hoje, todo mundo tem um veículo próprio. As grades não só protegem nossos filhos dos carros nas ruas, como também nos afasta da violência urbana que não existia quando Brasília foi construída", argumenta. "Fico apreensivo em saber que as cercas daqui podem ser questionadas, como ocorreu com as do Plano Piloto."

## Aperto

Alheio às questões legislativas das grades e muros, a preocupação de José Luiz é vender tapiocas o mais depressa possível e em segurança. Para desviar da comerciante Idalina Pereira Cor-

deiro, 56 anos, enquanto passava por um dos becos do Cruzeiro, o vendedor quase arranhou a perna em uma cerca de espinhos plantada junto aos dois muros. "Quando não me aperto para passar pelos becos, fico com medo de andar pelas ruas. As calçadas são muito pequenas e não temos onde nos proteger dos carros que passam correndo", observa o vendedor.

Idalina concorda que os becos são apertados, principalmente o que têm cercas vivas. Mas entende as justificativas dos moradores. "Muitos malandros usam as paredes da passagem como banheiro público. Por isso é importante colocar as plantas", explica ela. "Além do mais, se eu tivesse uma casa de esquina, também invadiria área pública. Todo mundo faz isso e ninguém fala nada. Por que não aumentaria meu conforto como todos os outros?"

Por conta das invasões dos vizinhos, a residência do mecânico Dailton Teixeira Gomes, 41 anos, é ladeada por dois mu-

ros que chegam até a rua. "Para quem caminha, minha casa fica tão escondida que muita gente acha que aqui é um beco. Só se dá conta de que não é quando já estão de frente para a porta", relata o morador da quadra 2. "O Cruzeiro fica muito feio com uma casa diferente da outra. Parece uma favela. Tinha que dar um jeito de padronizar isso", sugere.

Ciente dos abusos de alguns moradores, o secretário de Fiscalização, Antônio Alves do Nascimento Neto, garante que organizará uma força-tarefa para levantar todas as irregularidades no prazo máximo de um mês. "Queremos mapear a situação das grades em todo o DF. Algumas cidades, como Gama e Guará, têm esse estudo pronto, o que deve agilizar o processo", ressalta. "Adiantamos que iremos analisar caso a caso antes de tomarmos qualquer decisão. Sabemos que a questão da segurança é um ponto importante que deve ser levado em consideração. Mas abusos não serão aceitos."